

O ARTIFICIALISMO FREUDIANO Uma Introdução

Conferência proferida na SPRJ – Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, afiliada à IPA – *International Psychoanalytical Association*, 25 agosto 1989.

• Pergunta – *Dando prosseguimento à nossa programação científica, na última sexta-feira de cada mês, temos programado para este semestre uma conferência ministrada por alguma personalidade convidada de notório saber do campo lacaniano e freudiano. Não podíamos nos furtar de convidar para esta primeira Conferência uma figura que marca de forma muito significativa a história do movimento lacaniano no Rio de Janeiro, por conseqüência no Brasil, e que vem trabalhando as questões lacanianas desde 1969. É o nosso Magno, que em 1975 funda o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, instituição que até hoje dá formação a um número bastante grande de pessoas interessadas na questão do saber freudiano e da psicanálise. Magno é formado em Belas Artes e Psicologia, Mestre em Comunicação e Doutor em Letras, e é Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Passo, então, a palavra a ele.*

* * *

Quero agradecer o convite de Eduardo Mascarenhas. Minha presença aqui se deve a esse convite. Eduardo sempre foi extremamente gentil comigo: em todas as circunstâncias a qualquer convite seu, estou sempre presente para lhe dar satisfação. Aliás, a iniciativa de Eduardo, neste momento, me parece algo de vanguarda na medida em que os tempos são chegados de se rever o processo histórico da psicanálise no mundo inteiro. Isto quando nos aproximamos do centenário de sua existência efetiva, já sendo momento de se fazer uma faxina na prática histórica da psicanálise no mundo, na medida em que ela, talvez, esteja votada a um fracasso redundante se não fizer a renovação das suas posições no seio da polis.

Quando digo fracasso redundante, não estou me referindo a fracasso de instituições porque estas vão muito bem, obrigado. Seria o fracasso da psicanálise propriamente dita na medida em que, se mantivermos a falta de diálogo, de reflexão, a respeito do que se fez até agora, do necessário esvaziamento de certos tumores anquilosados aqui e ali por motivos

os mais espúrios, certamente que a psicanálise terá vida curta. Vão sobrar, com certeza, as igrejas psicanalíticas como sempre sobram. Está aí o cristianismo que não nos deixa mentir. Mas o espírito da coisa certamente é que vai se perder. E vai perder para instituições talvez bem mais fortes, com bem maior competência de penetração compatível com a sintomática mais pesada do mundo.

A psicanálise tem, também, que entrar em confronto com os demais saberes. Não adianta a gente se estabilizar em alguns paradigmas, sejam eles tratados por Freud, ou desvios e acrescentamentos sobre o pensamento de Freud: eles acabam se consolidando como paradigmas mais ou menos eficazes num determinado momento, sendo que daí a pouco perdem a eficácia e são apenas restos metonímicos da paradigmática antiga. Isto é grave na medida em que os outros não param de pensar: a ciência, a filosofia, os saberes contemporâneos estão sempre se comovendo de algum modo em função de uma comichão aqui ou ali, de um desejo de imbricar com alguma via mais ou menos extensiva de saber.

O Inconsciente, como sabemos, é onívoro e voraz: devora de tudo e vorazmente. E nós não podemos deixar de estar acompanhando essa voracidade do Inconsciente que em pouco tempo hoje em dia, assimila, metaboliza e dejeta uma série de coisas que ainda há pouco teria sido apresentada como grandes contribuições no sentido de se dar conta do que acontece na ordem inconsciente. Mas a tendência da inércia do pensamento, da reflexão, da experiência, é no sentido, o mais das vezes, de se acomodar a um sintoma que se deu bem. Isto em qualquer âmbito.

Quer me parecer que o freudismo, em todas as suas faces, levou bastante tempo para se acomodar e se fossilizar como evidentemente se fossilizou. O lacanismo já não precisou de tanto tempo. Não faz dez anos que Lacan está morto e já é um fóssil. Não conseguimos, talvez, manter o vigor dessas presenças – tipo Freud, Lacan e outros eventualmente que aconteceram – de estarmos nos perquirindo e perquirindo o mundo no sentido de manter vivo o processo de reflexão, de entendimento. O mais comum, na grande maioria, é administrar-se muito bem dentro de uma ordem estabelecida e viver na satisfação infinita, no infinito prazer de “saber das coisas”. Então, sabemos como é o Inconsciente, como ele funciona: tem o Sr. Édipo, a Sra. Jocasta, etc., e ficamos satisfeitos com isso, sem nos darmos conta de que isso foi um modo de operação num certo momento e que não tem validade depois que o Inconsciente deglute e começa a operar isso de maneiras as mais estranhas. Qualquer pessoa com prática de análise, verifica isso cotidianamente.

Agora que as ciências estão num processo extremamente explosivo, dissolvendo os paradigmas que estiveram imperativamente em hegemonia até pelo menos o final da década de 50, a psicanálise me parece estar um pouco em perigo se não assimilar essas reflexões, se não modificar seus aparelhos teóricos de maneira a não se tornar ridícula e obsoleta o

tempo todo diante de saberes às vezes muito mais afiados. Há uma tendência, eu sei, de se dizer que a ordem dos saberes que se constituem não necessariamente tem a ver com essa experiência absolutamente sensível e talvez indizível, como pensam alguns, do que acontece na psicanálise. Quer me parecer um pouco defensivo se colocar o “psicanalítico” na estranheza radical dos saberes, esquecendo-se de que esses tais saberes fazem parte do Inconsciente como qualquer outro conteúdo e que são formações do Inconsciente como qualquer outro conteúdo. E que, portanto, vão se engrazando com todas as formações do Inconsciente e produzindo resultados muitas vezes extremamente difíceis de acompanhar.

Nesse sentido é que venho aqui, com muito prazer, para conversar um pouco. Sempre lhe sinto um pouco calhorda quando me pedem para fazer conferência porque a gente não sabe exatamente qual é o âmbito de apreensão das pessoas com quem se está falando. Sempre fico achando um pouco ridículo estar chovendo no molhado. Isto é muito frequente, sobretudo no campo da psicanálise: convida-se uma pessoa para fazer uma conferência, ela passa cinquenta minutos dizendo a baboseira que já se está careca de ouvir e, depois, em dez minutos, diz duas ou três coisas engraçadinhas que ela acha que fazem efeito. Fico sempre na desconfiança de que estou dizendo coisas que todo mundo já sabe, pois todo mundo lê, todo mundo estuda. Então, eu preferia simplesmente fazer um breve percurso através de dois ou três conceitos, apenas para refrescar a nossa memória, tentar um pouco de crítica desses conceitos a partir do meu ponto de vista particular e deixar que a maior parte do tempo seja para a gente conversar, bater papo. Aí eu ficaria sabendo que tipo de questões teríamos em comum para trabalharmos um pouco a respeito delas.

* * *

A questão do REAL na psicanálise foi, na verdade, levantada, mais soberbamente pelo menos, por Lacan. Se perguntarmos o que é o real para Freud, teremos que inferir da sua obra esse real, uma vez que não me parece que ele tenha se preocupado diretamente com essa categoria, que certamente deixou ao encargo da filosofia. Entretanto, evidencia-se no percurso feito por Freud que ele se deparava com alguma coisa de aparentemente intransponível e que os lacanianos, a partir de Lacan, costumam apontar como real. Não há essa formulação na obra de Freud, pois ao tratar disso que as pessoas comumente chamam de real, preferiu falar de realidade: realidade psíquica, de um lado; realidade exterior, de outro. No que acho que foi extremamente inteligente, muito mais eficaz do que se misturasse e chafurdasse na discussão filosófica a respeito do real. Admiro profundamente, em Freud, esta sua posição de engenheiro do Inconsciente, que não dá muita bola para as perspectivas filosóficas e outros saberes, procurando, pela sua experiência, montar um aparelhinho que

funcionasse. Quando falo em “Retorno *de* Freud”, ate encareço esse seu sintoma dessa engenharia criativa.

Acontece que, na mão de Lacan, o pensamento freudiano passa por um crivo reflexivo extremamente rigoroso, mas é óbvio que realizado pelo Dr. Jacques Lacan e, portanto, com os limites paradigmáticos e sintomáticos do pensamento do Dr. Jacques Lacan. Na sua via reflexiva de pôr a psicanálise como eixo dos acontecimentos mentais no mundo - na verdade, ele não quis recuos do que isto –, ele vai invadir todos os campos do saber com a ferramenta freudiana na mão e fazer cobranças muito precisas à história da filosofia, à história da ciência, ele.

É nesse momento aí – na tentativa de deslocar outra vez com mais precisão, com mais rigor, o que Freud havia deslocado antes, mas que as pessoas talvez não tenham se dado conta – que, quanto a essa função Sujeito, que tinha como vencedor do grande prêmio o pensamento de Descartes, Lacan vai precisar invadir um pouco o campo da filosofia e recategorizar algumas das suas categorias a partir da visada psicanalítica, da visada freudiana. Como sabem, Lacan, então, critica a posição cartesiana do Sujeito, assentada nitidamente num cogito que se responsabilizava e se autorizava pela consciência da minha estada aqui e agora, garantindo a minha certeza de presença subjetiva. É o famoso *cogito ergo sum*, o *sum* só se garantindo no *cogito* reflexivo consciente. Lacan entra nessa briga mostrando que Freud havia deslocado tudo isso, mas não fica simplesmente no papo de indicar esse deslocamento. Ele retoma todo esse pensamento filosófico, mostrar ponto a ponto como havia alguma falha de reflexão nesse campo da filosofia, toma o mesmíssimo Sujeito cartesiano e o aponta ira sua ex-centralidade. E, para isto, ele precisa, como eu havia apontado, recategorizar várias posições da filosofia.

Nesse momento é que aparece o conceito de real em Lacan, o qual, como sabem, não sobrevive independentemente de simbólico e de imaginário, no sentido lacaniano. Ele tece essa malha nitente e, ao mesmo tempo, capaz de se dissolver radicalmente com o tropeço de um único dos registros. Trata-se disso que se conhece com o nome de Nó Borromeano. E Lacan vem mostrar que a espécie humana – que ele gosta de chamar de ser falante ou *falesser*, *parlêtre* – funciona na posição subjetiva como um efeito da nodulação dessas categorias, ou desses registros, encarecendo, num certo momento da sua obra, o simbólico, onde achava que a psicanálise podia intervir. Na medida em que toma ferramentas alheias como a lingüística, a base estruturalista do pensamento europeu, que foi vencedora no século passado – isto é, de 1960 a 80 –, e retoma todas as reflexões na psicanálise e fora dela, intensiva e extensivamente, ele encarece o simbólico achando que por ali pode conceber as possibilidades de intervenção no campo do falante.

Bem mais tarde, é que vai-se dar conta de que o que seria para encarecer mais – mais do que o simbólico, que ele teria, num certo momento, oposto ao imaginário das

pregnâncias estratificadas, etc. – é o real. O real dele, Lacan. É desse recalque eu queria tratar um pouco para a gente conversar.

O que é esse real que Lacan aponta? Na medida do seu percurso diante desse simbólico que o analisando apresenta, onde ele supõe poder intervir pela dialetização constante dessas emergências do simbólico e, também, pela tentativa de ler, no campo da cultura como no campo da história de determinado sujeito, as estratificações simbólicas, isto é, a sintomatização, a metaforização que o sujeito articulou durante a sua história, Lacan, nesse percurso, vai-se dar conta de que algo falha, de que algo falta constantemente. Isto, sobretudo, na medida em que está pensando no famoso das Ding, de Freud, na famosa falta radical, absoluta, de algo que jamais se deu e é a ser reconstruído.

Então, na crítica de todas as emergências discursivas, seja de um analisando, seja da ciência, da religião, de qualquer discurso que compareça diante dele, Lacan vai buscar o percurso dessa falta e mostrar que há algo impossível de se inscrever em qualquer discurso, e chega mesmo a refletir sobre a impossibilidade de isso se inscrever mesmo na estrutura garantidora do falante. É isto que ele vai apelidar de real. Ou seja, aquela coisa que Freud chamava de *umbigo do sonho*, ou aquela montanha intransponível que Freud chamava de *rochedo da castração*, Lacan quer subsumir ao conceito de real. Há algo que não tem inscribibilidade possível, portanto, podemos indicar mas não podemos dissolver na ordem discursiva, e muito menos ainda dissolver na prática de uma análise.

Lacan passa, então, a definir esse real como o impossível de se inscrever na estrutura. O que é uma definição extremamente aberta, rigorosa, e que, se indica o furo, não é furada, no sentido do jargão popular, porque ela me dá chance de entrar em qualquer nível de posturação desse real. Mas esse real em Lacan ainda é ambíguo demais. Como sabemos, a postura efetivamente pensante da psicanálise – tenho que dizer efetivamente pensante porque a psicanálise tem servido para qualquer coisa, fazem-se coquetéis psicanalíticos os mais diversos: mistura-se com isso, aquilo, etc., e a coisa fica um pouco vaga demais, um pouco difícil de se saber o que é e o que não é da ordem do discurso psicanalítico –, falando de maneira pouco rigorosa, o efetivamente pensando aqui e ali numa quantidade razoável de autores, na psicanálise, se mostra como da ordem do *artificialismo* mais radical, o que a cada momento é claro.

Seria extremamente difícil encontrarmos em Freud uma posição naturalista ou humanista. Trata-se de um sujeito que, ao se deparar com essa coisa que compareceu em sua estranheza diante dele e que quis chamar de Inconsciente, percebe que aquilo é uma máquina de fazer doido, uma coisa extremamente extrapolante de todas as configurações assentadas que o mundo nos apresenta, e ele a aborda desde sempre com uma posição, pelo que entendo da textualidade freudiana, radicalmente artificialista – radicalmente, a seu tempo,

com todos os cacoetes da sua vocação científica do momento, com a pressão epistemológica de sua época.

Por diversos momentos, podemos entender certas diferenças de Freud para com alguns de seus discípulos, por exemplo, que parecem exageradas de um ponto de vista meramente social, mas é que ele se revela veementemente o tempo todo contra a tentativa de re-naturalização e até mesmo de deificação do Inconsciente, no sentido teológico de um Deus que está aí e que é garantia fundamental de um direito natural, de uma produção natural intocável do que haja dentro do universo. Ou seja, essas bobagens que se escuta todo dia, de que a vida é algo transcendente baseado numa estrutura divina e que, portanto, jamais a ciência conseguiria penetrar ali e produzir vida, ele.

Freud não era um sujeito desse tipo. Ele podia encontrar algum mistério, alguma ignorância dele mesmo aqui ou ali, mas insistia em que, se refletissemos, acabávamos achando como as coisas se comportavam e um modelo qualquer que pudesse dar conta do processo em curso numa emergência qualquer, e até intervir nesse processo de maneira a produzir algo da ordem de um artifício *eficaz*. Ou seja, ele era um tecnicista no sentido grego arcaico de *téchne*, arte, produção, invenção, artificialismo. Enfim, Freud já era um excelente artificialista e me recuso a entender que qualquer via psicanalítica, que possa se sustentar como tal, tenha qualquer laivo de naturalismo. Se ele fosse um naturalista não iria dizer a “asneira” - seria uma asneira do ponto de vista naturalista - da sexualidade infantil, por exemplo. É preciso ter toda uma transa técnica artificialista com a criança para sacar que aquilo era função sexual.

Entretanto, o artificialismo freudiano tem os pecados de todo e qualquer pensador na sua época. Por mais que tentasse artificializar, ele estava pegado aqui e ali em certas funções reflexivas que ainda estavam extremamente dependentes de um pensamento naturalista. Nós o vemos de vez em quando hesitar um pouco quanto à possibilidade de invasão de determinado campo na medida em que aquilo lhe parcela algo dado. Mas jamais esse algo dado, para ele, se apresentou como algo intocável. Ele podia, diante de uma ignorância crassa de sua parte, dizer que se tratava de “predisposições”, mas estava simplesmente falando da sua ignorância, pois que jamais disse que essas tais predisposições ou tais razões sintomáticas não esclarecidas não fossem passíveis de esclarecimento. Às vezes até votava num campo científico exterior à psicanálise: quem sabe a química um dia vai resolver, alguma reflexão científica certamente vai mexer com isso...

Lacan intenta esse golpe de artificialização num nível estrito, até colocando a psicanálise como centro, independente da reflexão científica, que ele critica na sua vertente historicizante, independente da versão filosófica, que critica na sua vertente de mestria pura, e tenta pensar o que seria a pureza de um discurso psicanalítico a partir do qual se

pudesse dar conta desses eventos num processo artificialista e até, digamos, matemático: um processo capaz de desvincular o homem de toda e qualquer conaturalidade com as emergências dentro do Haver. É nesse momento aí que ele encarece a categoria de real. Não adianta nenhum discurso se delongar, por mais tempo que seja, na sua articulação simbólica porque algo não virá à escrita, não por impotência desse discurso – impotência esta que ele delega ao discurso histórico e à ciência como representante desse discurso – e sim por uma impossibilidade estrutural. Lacan, então, é absolutamente contemporâneo na medida em que o pensamento mais atual cada vez mais se dá conta de que é preciso abandonar de uma vez por todas esses fantasmas de naturalidade e partir para a invasão de Inconsciente para Inconsciente, na medida em que isso que há por aí é Inconsciente puro em movimento e em articulação. Estamos, portanto, no vigor desse real lacaniano tentando produzir a dissolução dos fantasmas naturalistas, a dissolução dos sintomas, procurando saber do que eles são feitos, como uma criança abre uma boneca ou uma bola para ver o que tem dentro, na sua artificialidade perversa original.

* * *

Entretanto, o tempo passa: as pessoas continuam pensando, os cientistas continuam produzindo, os artistas continuam criando... Não é porque Lacan disse o que disse que a última palavra foi dada. Assim como me repudia a religião freudiana, mais ainda repudia a religião lacaniana. Freud, não teve a chance de conhecer de perto, mas Lacan, deu para conhecer um pouco e os exemplos dele estão aí de pé. Embora fosse um sujeito extremamente renitente no rigor da construção do que estava fazendo – e se não fosse seria um tolo porque perderia os pedais –, não passava na cabeça de Lacan que aquilo não fosse repensável. Se alguém está refletindo rigorosamente sobre um campo do saber, por mais besteiras que esteja dizendo, *deve* tentar garantir que seu campo do saber seja aquilo que está dizendo, se não, fica um pouco frouxo. Costumo dizer, por exemplo, que a psicanálise é o que *eu* quero que seja, hoje, que seja o que estou pensando. É claro que deve haver um monte de bobagens lá dentro, como deve haver bobagem em Freud, Lacan, etc. Mas quero que seja assim porque estou rigorosamente articulando e, portanto, se eu perder as fronteiras, vale qualquer coisa. Então, preciso me responsabilizar pela ordem sintomática do que estou construindo. É minha limitação, paciência...

Lacan nos dava este exemplo de retomada constante da psicanálise a ponto de defini-la como uma pura questão. Como sabem, ele dizia que a psicanálise é pura e simplesmente a pergunta: o que é a psicanálise? Porque certamente ele não sabia. E ninguém parece que sabe até hoje. A gente constrói uns saberes que dão conta desse acontecimento

aqui e agora com maior ou menor eficácia, mas ninguém sabe o que é isso. Tanto é que ele dava o exemplo de exigir que, para haver psicanalista, não bastava a formação de um sujeito capaz de escutar outrem e dar uma pontuada ou interpretada aqui ou ali, e sim de alguém capaz de sofrer esta experiência e reconstruir um discurso a partir da sua própria experiência, capaz de dar conta de novo daquele acontecimento. Isto como condição *sine qua non* de a psicanálise deixar de ser medieval como o é até hoje.

Acho a psicanálise extremamente pobre. Apesar de Freud e de Lacan, é extremamente pobre, extremamente medieval, com categorias muito frágeis, com precisões muito criticáveis. Mas é assim mesmo: ela é muito jovem e trata de coisas que certamente só serão um pouco mais abordáveis, até pelos outros saberes, daqui a mais uns cem anos... Nem por isso ela perde sua eficácia na medida em que seus operadores também participam desta ordem inconsciente, manejam um pouco isso na sua análise pessoal e acabam sendo eficazes. Mas, do ponto de vista teórico, da explicação disto, ela é muito pobre e digo mesmo que, se sobreviver – e não há nenhuma garantia disso -, daqui a um século, seremos um pouco ridículos diante do que será possível de ser pensado. Isto justamente porque o que se faz teoricamente em psicanálise hoje em dia me parece algo da proporção entre a física contemporânea e a do século XVIII, em que achamos engraçadíssimo encontrar aquelas coisas que a ignorância dos cientistas os fazia inventar: umas metáforas até muito bonitas mas absolutamente longe, de uma ingenuidade incrível. Suponho que estamos fazendo o mesmo tipo de coisa.

Pessoalmente, não me satisfaço com os achados lacanianos, que são excelentes, de uma riqueza incrível, mas estão comprometidos – como estão os de Freud – com sua época, com certos paradigmas locais, com as ferramentas que pôde usar. Foi um homem extremamente brilhante, extremamente culto e que podia usar com certa facilidade as ferramentas disponíveis no seu tempo, mas não só as próprias contribuições lacanianas empurraram as coisas para a frente – e depois dele estou muito mais à vontade para continuar certos caminhos – como também, em outros campos, outras coisas se pensaram que acrescentaram às nossas ferramentas outras críticas, etc.

Daí que, embora haja um artificialismo radical no pensamento de Freud, radical a seu tempo, um artificialismo radical no pensamento de Lacan, também situado no seu tempo, ainda me parece pouco. Ainda me parece com muito compromisso com certas vertentes sintomáticas apegadas a idéias de coisas estratificadas como a natureza do homem, a natureza do falante, o ser do falante, já que os lacanianos não querem falar do ser humano. É preciso abstrair cada vez mais para podermos sair do lodaçal da péssima categorização, da péssima conceituação - que, aliás, é a história de todo e qualquer pensamento, seja científico, artístico, etc.

A crítica que eu teria a fazer ao lacanismo em vigor é que ele infelizmente já é uma igreja, vai mal, ou seja, vai muito bem: implantou-se no mundo, está prestes a virar uma outra *Internacional* de psicanálise, com todas as vertentes religiosas em que estas instituições necessariamente acabam caindo. É assim, e se não houver este vigor de análise constante e de reflexão, a gente cai é lá mesmo, e não tem saída...

Esse real de Lacan infelizmente não ficou, por questões de rigor da sua formulação teórica, restrito à definição do “impossível de se inscrever na estrutura”, na medida em que a enunciação lacaniana a esse respeito ainda passa pela vertente ocidental, grega, não deixa de ler certo compromisso aristotélico, etc. Isto de tal maneira que ainda fica extremamente ambígua a noção de real em Lacan entre esse impossível de se escrever e a brutalidade, a dureza, dos ditos reais com que nos chocamos cotidianamente. Daí ele ter definido, na verdade, o real de duas maneiras: o impossível de se inscrever na estrutura e aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar. Então, ele dá foros de real ao surgimento do sol todo dia, ao fato de que, se estou dentro desta arquitetura, tenho de passar pela porta senão dou com a cara na parede, a essas durezas com que bato e retomo – diferentemente da coisa *flou* do delírio e da alucinação do psicótico, por exemplo, o qual não apresenta, pelo menos para outrem, essa dureza de retomar ao mesmo lugar. (Acontece que se apresenta para o psicótico: aquilo é duro como o diabo. Não estou percebendo certamente porque tenho algum defeito de percepção. Se não, eu poderia ver a alucinação dele andando pela sala. Pois se ela está lá, ele me garante, como é que não a vejo?)

Minha crítica é no sentido de que esse real precisava ser cada vez mais duramente categorizado e sua conceituação criticada de modo a que se abstraia cada vez mais e o artificialismo seja mais radical. Acho que ainda há, em Lacan, uma confusão muito grande entre real e sintoma. Fica extremamente ambíguo. Não diria que é confuso porque ele simplesmente deixa equívoco, ou seja, já que não pôde recortar, ele deixa numa equivocidade muito grande. Chega mesmo a apontar que, para a maioria das pessoas, nada é tão real quanto o sintoma. Categoriza mesmo o sintoma do lado do real, ao mesmo tempo que também categoriza o sujeito do lado do real. Não sei se é o sujeito cabeçudo ou o sujeito sem cabeça. Ou seja: o sujeito sintomatizado dentro da ordem significante, que para Lacan é assim, ou o sujeito puro simplesmente como intervalo entre os significantes.

Tenho procurado distinguir – para meu uso e para quem quiser utilizar: está a disposição – o que é da ordem do sintoma do que é da ordem do real. O Real que venho tentando instalar como conceito não é da ordem do sintoma simplesmente porque me parece um engano - uma miragem que a humanidade tem-se oferecido - o falo de considerar real alguma coisa só porque ela comparece duramente com certa impenetrabilidade, no sentido físico do termo, para a maioria dos sujeitos. Nada mais duro do que um sintoma. Na medida

em que tento construir uma equipolência, ou até mesmo uma homogeneidade, entre o Inconsciente e o surgimento do Haver – isto que antigamente se chamava de Universo –, para num essas coisas são da mesmíssima ordem, faço a suposição de que os eventos, a partir de uma ordem caótica – e hoje em dia temos um campo de ciência que se debruça sobre o caos: a Ciência do Caos –, uma função caótica qualquer emerge por aí que resume necessariamente em ordem, ou seja, o caos não é o contrário da ordem, e sim aquilo de onde a ordem tem condições de nascer e, na medida em que alguma ordem se coloca, junto com ela se sintomatizam formações seja no Haver, seja na nossa estrutura inconsciente acossada pela linguagem.

Portanto, essas coisas que vemos ao nosso redor são sintomas, e isso nada tem a ver com o real. Acho que o ocidente se preocupou cedo demais em chamar de real essas durezas com que a gente se encontra. É até verdade que quando quebro a cara no muro ou no rochedo da castração, em qualquer dureza destas, sou conduzido a me deparar com o real também, mas há muitas maneiras de me deparar com o real, não só quando bato com a cara nessas durezas aparentes.

Então, ao invés de pensar o real como não inscrível na estrutura, costumo pensar o Real como algo que, na estrutura, se inscreve como lugar-tenente do impossível. Qualquer encaminhamento levado muito longe, seja na ordem discursiva com significantes, seja na ordem da abordagem física, matemática, do mundo, vai chegar a um momento em que, por impossibilidade de passar à sua região de silêncio absoluto, revira imediatamente para as suas condições opostas.

Então, há um ponto qualquer de neutralidade onde uma coisa levada muito longe vira pelo avesso. Freud deu exemplos excelentes disso em relação ao umbigo do sonho, ao ato falho, ao chiste e à própria estrutura do aparelho inconsciente, quando vemos esse *Unheimliche* constante se deparando a todo aquele que faz um longo percurso e batendo num determinado umbigo, que é um verdadeiro *Maelstrom*, que o vira pelo avesso. Qualquer discurso levado muito longe – até um Hegel, com toda sua limitação, sabia disso – acaba se dialetizando no seu contrário.

Para mim, Real não é outra coisa senão esse lugar de absoluta neutralidade para o qual somos empurrados toda vez que vamos muito longe em qualquer processo. Mesmo a chamada Natureza – que não existe, aliás – é empurrada para isso. E ficamos perdidos nas emergências sintomáticas, as quais considerarmos reais porque duram demais. É uma questão de duração: toda vez que encontro algo que é muito durável, fico pensando que aquilo é real, quando é apenas um sintoma renitente que certamente será dissolvido de algum modo, seja pela ordem entrópica, por exemplo, depois vai revirar e se constituir de outra maneira.

Penso mesmo que esta distinção entre um Real como ponto de reviramento das emergências do Haver, sejam elas praticadas pelos humanos ou pela dita Natureza, etc., e

a emergência dos sintomas em suas durezas e durações maiores ou menores podem nos propiciar um avanço qualquer em termos de entendimento do Inconsciente e de certas coisas sobre as quais se escreve e se fala demais (mas que, quando vamos fundo, vemos que ninguém entende) como a Psicose e a velha bobagem que a psicanálise comprou pronta, *prêt-à-porter*, do pensamento ocidental mais pedestre que é o conceito de *Perversão*, que todo mundo acha que é um palavrão. Perversão, em psicanálise, não é nada até hoje. Como ninguém conseguiu definir o que é, então, é aquilo que a gente xinga o outro quando não gosta dele. Na verdade, não sabemos o que é. Meu empenho no sentido de fazer essa distinção é tentar rigorizar um pouco mais as categorias, procurar produzir um Esquema mais abrangente e facilitar a psicanálise – não porque ela seja difícil: psicanálise é uma coisa extremamente fácil, simplesmente é confusa, mal discernida. Então, minha tarefa, a que me dei com prazer, com a psicanálise seria no sentido de recategorizar e reesquematizar a partir certamente de quem nos deu isso de presente, Freud, Lacan (este, pelo menos, está mais perto de mim), e procurar categorias mais afiadas sempre-e, sobretudo, fazer uma grande redução no campo da psicanálise.

Acho que a passagem do medievalismo – nada tenho contra o medieval, acho belíssima a Idade Média –, no sentido de não se ter articulado como se articulou depois no campo da ciência, essa passagem exige uma decantação, uma redução, pois é conceito demais, que um bom esquema, um bom modelo, construído com rigor e que dê conta de muitas coisa, reduz uma série de pseudo-conceitos a diferenciações, a derivações de conceitos mais fundamentais, muito mais simples. A psicanálise precisa se clarificar um pouco e com essa clareza urgir ferramentas – absolutamente artificiais, é claro – mais incisivas. Não para ficarmos fazendo terapia, pois acho que a psicanálise não tem lá muitas intenções psicoterápicas (o que é completamente diferente do processo da *cura*), mas, sobretudo, para se desanuviar o mundo um pouco. Acho mesmo que a maior eficácia da psicanálise não está nessa coisa tão pequena que é cuidar de sujeitos no divã. Isto tem uma eficácia mínima, mas trata-se de tentar levar aos seus devidos lugares uma série de discursos e poder invadir o mundo numa contracorrente capaz de minimizar um pouco o mal-estar geral.

Bem, eu preferia que conversássemos e discutíssemos... Quero avisar-lhes que tenho a pretensão de fazer de mim a idéia de que não tenho preconceitos – o que certamente deve ser mentira –, portanto, tenho ignorâncias, boçalidades, essas coisas que todos têm, mas peço-lhes que fiquem à vontade para dizerem o que quiserem. Se me agredir, tanto melhor... De repente, aprendo...

* * *

- P – *Você, assim vestido de preto, está de luto, não é?*

Fernando Pessoa diz que a gente vive de luto por um pai que é morto... E você, assim de branco, não estará de luto ao contrário?

- Pergunta – *Entendi você dizer, com certa amargura, que a psicanálise não acompanha a evolução da espécie humana, a qual vai num certo caminho e é como se a psicanálise fosse uma bobagem que estivesse acontecendo por aí... Eu queria que você falasse sobre a Ética da psicanálise, a partir do pensamento de Lacan.*

Acho que sou um péssimo professor porque é o oposto disso que penso. A psicanálise não é nenhuma bobagem. E, talvez, a única saída – desde que não queira imitar os outros discursos, parando em cima de seus achados. Muito pelo contrário, acho que, se há alguma saída reflexiva no mundo contemporâneo, a única é a via freudiana. Não é uma bobagem, e, muito menos, trata-se de acompanhar ou não a espécie. Do ponto de vista “especiente”, especificante, biológico, o que se tem certeza, hoje, é que a espécie humana enquanto configuração biológica é um fóssil. Isto está no discurso da ciência contemporânea.

Ou seja, se alguns processos caóticos conduziram à formação biológica que resultou, em última instância, nesta espécie (que se acha maravilhosa e até faz algumas maravilhas), do ponto de vista de constituição biológica, isso é um fóssil, parou de se “especiar”: estava estagnado e algo se reverteu aí.

O que poderíamos chamar de evolução da espécie humana se dá, hoje, no nível do artifício, da fabricação simbólica, etc. Ou seja, não fiz mutações corporais no sentido de ter asas, mas fiz asas no sentido tecnológico e vôo. Portanto, sou passarinho. A espécie humana é qualquer coisa: passarinho, veado, peixe, camelo, burro... E se algum discurso é capaz de mexer nisso, de ampliar as possibilidades de artificialização e de chegada a alguma estrutura mínima, se quisermos chamar assim, de algum modelo de base, é a psicanálise. Não vejo outro caminho. Portanto, sinto muito se dei a impressão do contrário.

Ética da psicanálise, é uma coisa extremamente complicada sobre a qual ouvimos quilos de asneiras. Isto não é sem Lacan, pois uma porção de gente se diz lacaniana e fala um monte de bobagens que Lacan jamais endossaria. Você sabe que Lacan tem um Seminário chamado *L'Éthique de la Psychanalyse*, que é um Seminário muito ruim – muito ruim para Lacan, não para mim. Ele sempre sonhou ter tempo, um dia, de reescrevelo na medida em que foi até um certo ponto e, mais tarde, evidentemente na sua obra, verifica-se que ele o extrapolou radicalmente, embora já seja extremamente vigoroso. O que Lacan distingue até a especificidade da ética da psicanálise. Ele até usa duas escritas do grego *ethos*, uma com épsilon e outra com eta, para mostrar que se ia frequentemente de ética num sentido que não é senão o da tentativa de se viver na repetição de certas formações que as pessoas consideraram ótimas – do mesmo tipo da repetição do ciclo da fome, pois quando se tem

fome é ótimo comer, etc. –, em torno de necessidades que não existem para a nossa espécie. Ele vem mostrar que a psicanálise não poderia ter uma ética menor do que uma ética radical, trágica e situada diante do real. Portanto, uma ética que despreza, de saída, rodas as formações morais: todo e qualquer moralismo para quem vai fundo no pensamento de Freud é apenas uma região sintomática de determinado grupo.

Isso fica de tal maneira relativo que qualquer pessoa que reflita a fundo vai chegar nisso. Um Heidegger, por exemplo, se recusava a falar em ética. Ainda guardo uma entrevista publicada no *L'Express* em que, quando perguntado sobre a ética no mundo, disse: “Quem vai falar disso?” Lacan teve essa audácia de dizer que, do ponto de vista da psicanálise, há uma ética possível. Essa ética em Lacan resultou, no momento daquele Seminário, simplesmente em indicar que se um sujeito está aderido, no seu movimento desejante, a determinada formação que ele quer chamar de significante-mestre, que é um limite sintomático desse sujeito, o movimento desejante de qualquer sujeito pespegado a essa origem sintomática encontra ali o seu limite. E ele considerou que o ético era não abrir mão desse desejo de modo algum, nem que tragicamente tivesse que enfrentar a morte, como é o caso de Antígona que ele usa como exemplo desse momento ético.

É muito bonito, é a limitação do momento, mas, bem depois, Lacan, sem fazer um trabalho específico sobre ética, vai dizer, num texto retirado de uma entrevista que deu à televisão, que “só há ética do bem-dizer e não há saber senão de não-senso”. Isto, a meu ver, derroga o cerne do Seminário sobre a ética. O que ele quis dizer com isto é que, como sabe a filosofia contemporânea, como se dá conta a ciência moderna, como se deu conta mais do que ninguém a psicanálise, a tese dos *fundamentos* está completamente derrocada, pois não há, pelo menos no nível dos conteúdos, fundamentos para a nossa espécie. Não há nenhum fundamento que se possa adscrever ao mundo, à existência disso ou daquilo. O homem procurou se assentar em fundamentos – Deus ou qualquer coisa: todos conhecem o abominável São Tomás de Aquino, aquele que disse quais eram os fundamentos do homem e relegou – perversamente – todo o resto ao regime da ilegalidade. Mas a reflexão, se vai muito longe, se depara com esta radical falta de fundamento. Se algum fundamento há, e a mim me parece que há, justamente é da ordem de uma equivocidade tão radical que fundamenta sem a menor constituição conteudista, sem a menor definição sintomática. Ou seja, se o fundamento do homem é sua artificialidade, vale tudo.

Lacan, então, diz que *só há ética do bem-dizer*. O que posso conceber como esse bem-dizer é que vejo aí duas vertentes fundamentais. Primeira: sou extremamente ético quando assumo a palavra e digo melhormente possível a verdade que se me antolha. Então, sou um artista da proliferação do sentido e de emprestar sentido máximo a uma verdade que possa eclodir em relação a qualquer coisa. A outra vertente, que pode ter cheiro místico-

religioso mas que me parece ser estritamente lógica, é de bendizer o mundo. Vamos falar barato, como qualquer pessoa que acredita lá no seu tipo de Deus: o que quer que haja é da ordem do divino, é para haver mesmo, eu que me dane se aquilo não me interessa nesse momento ou eu que, sintomaticamente, entre em luta com aquilo e passe nos conflitos da minha vida guerreando pelo mais-gozar que me interessa. Mas o que quer que compareça devo bendizer. A psicanálise não pode garantir ética que não seja esta.

Ou seja, para um sujeito que está no mundo, qualquer moralismo que existe é anti-ético. Quer dizer, toda vez que tenho que colocar um moralismo qualquer, porque estou no mundo – e os coloco, porque sou sintomatizado –, não devo me esquecer de lembrar que aquilo é um sintoma meu e não vou ficar dizendo às pessoas que isso não se faz porque está errado. Não se faz porque eu não quero: na minha casa, não quero, e já que tenho o poder de dizer isto, eu digo! A *obscenidade do poder* é uma das coisas importantes para a psicanálise. Se o poder pelo menos fosse obsceno, saberíamos que estamos lidando com um poder, e não com nenhuma verdade que deve nos ser imposta. As pessoas costumam dizer que sou autoritário no Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Bota autoridade nisso: não sou tanto quanto queria. É verdade, não acredito em democracia dentro de instituição psicanalítica porque ou bem se pensa psicanaliticamente ou bem se pensa democraticamente. E preciso escolher. A democracia é um filisnismo da pior espécie. Quem saca os processos psíquicos vê que não dá.

Gosto de chamar de *diferocracia*, uma dimensão sonhada em que talvez a gente pudesse entrar em contato com o outro e fazer acordos, etc., mas todo mundo sabe muito bem que isto que chamam de democracia nunca apareceu na face do planeta. Ainda outro dia, Cathérine Millot, falando lá no Colégio, chamou atenção para esse fenômeno da democracia em relação com a função de paternidade, etc., e ridicularizava um pouco a chamada democracia americana que, como todos sabem, é um filistinismo absoluto. Não chega a ser uma democracia porque é uma oligarquia descarada do ponto de vista do poder. Do ponto de vista da vontade cultural de democracia é filistinismo. Meu velho mestre Anísio Teixeira dizia que democracia americana é você entrar no táxi e o cara bater no teu ombro e te chamar de “você”. E olha que ele era um campeão da democracia, mas como era aluno de John Dewey, pensava que democracia era aquilo que estava na cabeça de Dewey e não o que estava na cabeça do americano médio. É o império do moralismo da maioria. Na verdade, a democracia o que é? É a ditadura da maioria. E a psicanálise não tem nada a ver com isso.

• P – *Não me ficou muito clara a questão do Seminário da Ética, de Lacan, e a questão do bem-dizer pois me pareceram, pela própria enunciação discursiva sua, que eram complementares. Do que depreendi do que você dissera, no Seminário VII havia uma*

parte essencial daquela formação discursiva que era a questão de que nós nos deparávamos com um rochedo dentro de nós, que era o nosso sintoma, e que tínhamos que ser leais a esse rochedo, a esse significantemestre, a essa coisa de que não nos podemos evadir sob pena de nos renegar, porque aquilo é o que nos constitui é o que nos marca como seres diferentes. Agora, quando entramos na questão do bem-dizer, não seria questão de tornar bem-dito/bendito, no duplo sentido que você salientou e que acho muito bem salientado, esta coisa que poderia ser mau-dita/maldita também no sentido dúbio? Não seria bem dizer o meu rochedo, não seria descrevê-lo de uma forma bem-dita e torná-lo bemdito para que, quanto às formações moralistas dos outros, com as quais estou identificado – meu ego, meu superego –, eu possa resistir a essa maldição bem-dizendo?

Se sou capaz de bem-dizer, nada melhor que começar por bemdizer a minha fundação sintomática: ela é tão válida quanto qualquer outra. Mas o que quero colocar é que, se sou capaz de cada vez melhor bem-dizer meu sintoma, ele começa a se relativizar. Vou furando pelo discurso de tal maneira que, se estou tão interessado assim no real, e por estar interessado é que consigo bem-dizer o meu sintoma, de repente, vou relativizando de tal maneira que, desde a minha posição subjetiva, até meu sintoma é apenas mais um: de tão bem-dito que é, ele é apenas mais-um bem-dito e até mesmo, aqui e ali, consigo extrapolar essa presença sintomática. Consigo, por exemplo, ser artificial a ponto de ser um bom ator. De repente, compro o teu sintoma, vai ver é interessante, vai ver me faz gozar. Posso transar nem que seja pela via da tradução, que é a única metalinguagem possível. De repente, traduzo o sintoma Eduardo no sintoma Magno, dou uma curtida legal e fico maior. E isto que quero dizer: no que bem-digo, aproveito e extrapolo.

Sinto que há uma pequena limitação no Seminário da *Ética*, que acho que Lacan deveria ter reescrito mesmo, na medida em que tentos, por exemplo, dois cabeças-duras, Creonte e Antígona, os dois meio dilacerados: Creonte começa a abrir mão da sua posição nitidamente perversa como representante de uma lei impositiva, mas abre mão tarde demais, e Antígona vai até o fim enfrentando a dureza da morte na imposição do *seu* desejo. Mas quero pensar que antes ainda de haver o *meu* desejo há o desejo *tout court*, e que preciso relativizar isso. Tenho por hábito implicar comigo. Por exemplo: se você me apresenta alguma coisa que te parece deliciosa e aquilo me dá enjôo no estômago, nunca digo que você é um bárbaro, e sim que sou um imbecil. Se você está curtindo, como é que não vou curtir essa? Alguma coisa me limita, há alguma coisa de ruim contigo porque alguma pregnância sintomática não me deixa curtir alguma coisa que alguém me disse que era um barato. O que há de ético fundamentalmente na posição de analista é essa consideração. Direi agora algo que pode parecer herético do ponto de vista lacaniano – e talvez o seja, embora eu pessoalmente acho que não, pois Lacan lido na sua extrema enunciação me leva

a isso –, que é que não posso reconhecer-me em lugar de analista e reconhecer outrem nesse lugar se não vejo o sujeito se encaminhando vertiginosamente para uma posição de absoluta indiferença, de absoluta neutralidade, aquilo que Freud chamava neutralidade e que pensamos que é o sujeito fazer cara-de-pau e fingir que não está nem aí. É difícil, Freud não conseguiu, Lacan conseguiu um pouco... Mas a vertente é essa: o que quer que apareça é escutável.

Philippe Sollers, que é um escritor contemporâneo que prezo muito – vocês talvez tenham lido *Femmes*, um romance dele onde há rodas as fofocas a respeito das décadas de 60 e 70, os personagens são Lacan, Foucault, Barthes, ele próprio –, tem um texto onde diz que “o Inconsciente é a inibição de ler Sade”. Acho brilhante isso, acho até que ele é bonzinho pois falou em inibição de ler, só: ele foi muito gentil.

Como posso eu tentar me posturar num lugar de escuta se não sou capaz de abrir Sade e ler aquilo como coisas que existem? *É* assim! O que é muito diferente da minha posição de resposta. Se Sade fosse meu analisando – seria um terror, graças a Deus ele não foi lá –, minha condição de resposta é o entendimento do arcabouço daquela coisa, em que nível aquilo é tal ou qual estrutura, da inserção disso no mundo, do reconhecimento de limitações sintomáticas, etc., onde sei que estou lidando com poderes, ou seja, condições de gozo. O que não pode me deixar cego para ver que, se preciso fazer uma gerência de mundo para que as coisas fiquem no mínimo mal-estar possível, nem por isso todas as emergências deixam de ser verdadeiras e simpáticas ao nível da neutralidade.

• P – *Entendo que você quis salientar esse aspecto da neutralidade, da indiferença, que não está claro no Seminário VII, de poder perfurar esse significante-mestre também.*

De pelo menos dialetizá-lo e relativizá-lo de tal maneira que funda a ética do, digamos assina, não-juízo.

• P – *É sair do narcisismo do próprio gozar...*

... e entrar no *narcisismo* radical. Uma das bobagens que se repete hoje em dia é que – e isto só podia vir dos Estados Unidos, é claro – é preciso acabar com o narcisismo. De modo algum! É preciso ser radicalmente narciso, pois não há saída de narcisismo. Isso é truque! O que existe são decantações narcísicas sobre sintomas os mais babacas. Isso é diferente! O narcisismo da minha bobagem é o narcisismo da minha bobagem. Agora, ser narcísico extremamente é o que Nietzsche chamava de “organização dos egoísmos radicais”, pois trata-se de administrar a radicalidade dos egoísmos. Porque um egoísmo só é ruim por ser bobo, meio imbecil, meio idiota, alguma coisa assim. O egoísmo de Nietzsche não é no sentido de ego, e sim no da presença do Sujeito. Se for muito radical, ele chegará aonde? A uma única e simples posição de Sujeito no Haver, àquilo que os místicos costumam pensar que é confundir-se com Deus, etc. Mas não, é que há uma subjetividade única: sou apenas

uma tomada ligada num grande computador, sou um terminal de computador do Sujeito. O Sujeito é um só. Agora, sou cheio de imbecilidades, de idiotices, de razões sintomáticas. É uma merda! Mas isso não impede o exercício dessa ética de encaminhamento para coisalguma.

- P – *Esse é o conceito de neutralidade?*

Sim.

- P – *Uma questão que achei importante diferenciar aí, pois acho que pode causar um péssimo mal-entendido, é que essa posição de indiferenciação nada tem a ver com a de não ser afetado pelas coisas. Pelo contrário, a questão é de poder ser afetado ao máximo.*

Muito bem lembrado, agradeço por chamar atenção para isso. Temos o costume de pensar, pois em português se usa a palavra nesse sentido, que o sujeito indiferente é o sujeito desprezante. Não é não! Indiferente é o sujeito que come de tudo. Ele é onívoro. Se Eduardo estiver aqui curtindo um doce que me dá um embrulho no estômago, eu me acho uma besta. Conto não vou curtir isso? É nesse sentido que me é indiferente. Não bebo ácido nítrico, não costumo beber, jamais bebi, porque há uma limitação sintomática da ordem corporal. Imaginem que barato não deve ser se o corpo aceitasse: pelo que o vejo fazer, deve ser um troço espantoso. Esta é uma metáfora meio exorbitante, mas há coisas pelas quais estou radicalmente limitado sintomaticamente, às vezes em nível biológico. Isto é uma pena porque não estou de acordo com a minha ordem corporal, acho-a muito pobre. E a maioria, no fundo, concorda comigo, porque prefere andar de carro do que a pé. Estamos de acordo: este corpo não presta. Por isso mesmo, invento uma corporeidade absolutamente delirante: automóvel, avião, modelos, roupas, artifícios, pênis postiço, vagina importada, essas coisas...

* * *

- P – *Você disse que, para muita gente, a perversão é um palavrão. Sem ser palavrão, como você a vê?*

Vai ficar um pouco difícil, pois o que articulei até hoje sobre perversão me parece muito ruim. E é justamente no Seminário que conduzo agora que estou tentando um aparelho qualquer para dar conta disso. Mas posso, pelo menos, endereçar por onde pretendo me encaminhar.

Os avanços de Lacan no que diz respeito à estruturalidade do sujeito na sua ordem sintomática passam pelo famigerado Nome do Pai. Essa função paterna não é senão a razão de limitação do meu deslizamento radical enquanto sujeito do Inconsciente. Ela é o ponto de basta – *point de capiton*, em francês, como Lacan nomeou, que é um ponto que

se usa na arte da colchoaria – e no que isto vai bastando o deslizamento do sujeito – que lhe é lúdico, pois o sujeito é deslizante –, ele vai fundando, por um lado, uma razão sintomática que lhe dá um certo esteio para começar no mundo, seja por via da língua materna, seja por via da referência à legalidade instituída aqui e agora: o tal conceito de *Lei*; por outro, na verdade, o surgimento desse conceito de *Lei*, que Lacan chama de metáfora paterna, é necessariamente, pela razão mesma de sua instauração, o fundamento da perversão. É disso que muito lacaniano não se dá conta. E fundamento do que Freud chamou de perversão, no sentido mais genérico, a sua própria instalação: não a instalação sintomática, mas o que vem de lambuja com essa instalação, que é configuração de fantasia, configuração de objeto. Ou seja, no que reconheço a instância da *Lei*, não a reconheço *in abstracto*, e sim a reconheço situada. Por isso mesmo Lacan diz *la père-version*, a versão paterna. Ou seja: no momento mesmo da minha instalação na referência à limitação que a *Lei* faz ao desejo, e mesmo na provocação que a *Lei* faz ao desejo, compro nada mais nada menos do que uma instância sintomática para me situar, e uma função de fantasia, que é naturalmente – aí já do meu ponto de vista – tradução da fantasia que suporta o Haver. Compro uma tradução, uma regionalização dessa fantasia, na qual vai embutido determinado objeto que me situa. Isto é estritamente perverso.

Freud ficou embananado porque pertence a uma época em que a palavra perversão... Aliás, vejam que palavra deliciosa – é a mesma coisa que, no tempo do auge da “revolução” de 64, o xingamento por excelência era nomear alguém subversivo –, pois o movimento do sujeito subverte a sua própria ordem o tempo todo. Mas Freud encontra um mundo regrado por uma ordem evidentemente perversa, que designava como perversão aqueles comportamentos em desacordo com os interesses da sua própria ordem perversa. Então, é uma guerra, uma briga de perversos: “Meu gozo é que está certo, o seu está errado. Tem que gozar por aqui e não por ali”. A perversão originariamente é absolutamente jurídica e fundamentada na suposição absolutamente idiota – no sentido lacaniano do *idiós*, da formação sintomática sobretudo na deriva feminina – de uma vertente qualquer de funcionalidade de fantasia e que o Direito assentava na opinião absolutamente incomprovável de um “direito natural”, que já fora divino. Ora, se convenço determinado grupo de pessoas de que há co-naturalidade entre a decência divina, a decência do Haver, e a minha posição perversa, eu sou o campeão, e todo mundo que não se comportar assim é perverso.

Freud vem mostrar que não há fundação de sujeito sem perversão. O que é muito diferente de se verificar, por exemplo, como uma determinada formação perversa passa a se impor de maneira legiferante e obrigatória, seja para um sujeito, seja para um Estado. Aí, chamo de *perversidade* para distinguir da perversão que é essa coisa banal, engraçada, que a gente conhece todo dia. Então, a meu ver, existe o perverso, que somos nós todos, graças

a Deus, porque foi de lá que se veio, e o perversista, que instalo conto configurado numa paralisia legiferante sobre determinado aspecto perverso. Por isso, há pouco, chamei São Tomás de Aquino de perverso, no sentido da perversidade.

• P – *Seriam os torturadores, talvez?*

Por exemplo. Esquecemos de pensar – e está indicado tanto em Freud quanto em Lacan, em Lacan mais explicitamente ainda – que o fenômeno perversão é absolutamente mancomunado com o fenômeno Lei. Deu para dar um roteiro? Estou me virando por aí.

• P – *Eu queria que você falasse um pouquinho mais sobre narcisismo, que você estava falando assim mais exaltado. Dá para você conversar um pouquinho mais sobre isso?*

Eu estava exaltado? Vai ver estava puto com alguma coisa. Mas me deixou extremamente irritado, acho um engodo, o fato de alguns autores... Pegou a moda no Brasil recentemente e fez-se disso uma grande descoberta – aliás, nada tenho contra os autores, são boas pessoas, e gosto de pessoas civilizadas, gosto do Eduardo aqui porque ele é civilizado, a gente pode sair na porrada quanto a questões, mas ele continua gentil... Mas tem um sujeito chamado Christopher Lasch, que já tem uns livros aí em português, que, ao tentar entender o fenômeno do mundo contemporâneo, sobretudo em termos de Estados Unidos, vai “brilantemente” captar que o “problema” é que as pessoas são narcísicas, e começa a fazer a tentativa de terapia, de cura, desse narcisismo, a qual seria condição *sine qua non* de o mundo encontrar uma saída, ele. Fiquei espantado de certos autores de vocação confessadamente dita de esquerda – embora eu não saiba mais o que é isso, esquerda-direita, está meio confuso – comprarem uma idéia tão fascista. Nosso antigo Aluisio Menezes, aqui presente, já se deu ao trabalho de escrever um livro comentando isto, que deve sair em breve. Basta comparar as posições e mesmo a demonstração que ele faz. Ele toma nada menos que Farias Brito para mostrar como isto já estava lá. Por aí a gente vê.

A função narcísica é condição *sine qua non* de qualquer coisa simplesmente haver. Não só ela não é eliminável como poderíamos dizer, pelo menos do ponto de vista da minha ordem esquemática, que é o fundamento do desejo. O que deseja o desejo? O que o desejo deseja? Eliminar o narcisismo, ou seja – pulsão de morte –, deseja morrer. O desejo não deseja outra coisa senão sumir, só que é impossível. Então, há uma condenação de fato e de direito, no Haver, de o sujeito ter que sustentar o narcisismo. Ora, se meu desejo, adscrito ao movimento desejante puro e simples, é de eliminar o narcisismo, estou aí na chamada faca de dois gumes. Na medida em que quero eliminar o narcisismo e descansar na paz da morte – que não há, não adianta querer morrer porque não vai morrer –, estou sendo o máximo de narciso que pode existir: quero passar inteirinho e narcisicamente para um não-Haver radical que me daria a glória eterna de não ter que ser condenado à repetição. Ou

seja, simplesmente preciso cultivar o meu narcisismo na sua ambigüidade, como pulsão de morte, a qual, para mim, é o *referendum* absoluto do pensamento freudiano. E essa pulsão é um fracasso porque não há morte nenhuma: a morte não existe, não há morte, confundimos as castrações com a morte.

Marcel Duchamp mandou escrever assim em seu túmulo: “Aliás, quem morre são os outros”. Ainda ontem vi na televisão uma entrevista com um dito homossexual aidético, brilhante, inteligente e que, diante dessa experiência, ficava mostrando que quem morre são os outros: a minha morte assusta os outros, a morte dos outros é que assusta a mim. Ele entendeu que isto que chamamos de morte é perecimento, castração. Quando morre alguém que prezo, perdi algum pedaço não sei nem do quê. Fico lá elucubrando, sonhando, fazendo uma porção de coisas para tentar saber o que perdi, porque não faço muita noção. Agora, experiência de morte, alguém pode lhe contar? Por favor me ensinam porque até hoje não encontrei. Morte é tudo que a gente desejaria: “Pára o bonde que vou descer”. Mas não tem como descer do bonde, nem morrendo: o cara que morre é o último a não-saber.

Mas já que me obrigaram a um narcisismo radical e sem saída, eu que me aproveite dele, que faça dele até um exercício de superação, de neutralização. O que seria bem-dizer o seu sintoma? E elevá-lo à categoria do narcisismo de Deus, ou seja, o maior dos ignorantes, o maior dos Inconscientes...

Quer me parecer que a psicanálise tem compromisso com esse *trágico* essencial. Até segunda ordem, somos a única espécie conhecida que põe Real, que conhece a angústia, que se perde das próprias configurações. Um estudo de etologia, por exemplo, que é um campo científico que está crescendo muito atualmente, verifica, no reino dito animal, aquilo se reinventando como vida, mas são vivos absolutamente limitados. A partir de certo limite, aquilo degradingola, aquilo não inventa: no máximo, com uma pressão ecológica muito grande, o etológico vai mudar no sentido de mutação biológica, se conseguir. O que acho espantoso é a gente viver desse macacão de carne e osso e ter essa maquininha louca dentro da cabeça – que é capaz de nascer sim, pois é um engano pensar que somos *tabula rasa*: há um monte de questões etológicas em jogo porque tem macaco atrás. Freud se perdia por aí dizendo que o cara tem umas predisposições, etc., pois não tinha ferramenta.

Acontece que, sejam quais forem as minhas predisposições – por exemplo, no sentido perverso: predisposições orais, anais, fállicas, etc., do meu macaco –, tenho uma maquininha de simbolização e de regramento disso, ou seja, posso artificializar isso ao extremo. E é uma faca de dois gumes porque tanto posso me tornar o artista da artificialização desse macaco, como o artista, no sentido aí perversista, da imposição de uma determinada ordem de especiação a esse macaco. Por exemplo, por que acontece o fascismo? Wilhelm Reich diz que as massas queriam o fascismo. Pior é que queriam mesmo! Em mal-estar no mundo,

na hora em que lhes desenharam o macaco, eles o adoraram. Isto é o que chamamos de neurótico.

Qual é a *paixão do neurótico*? O neurótico fica rezando para aparecer um perverso para enrabá-lo: “Perverso é o outro, sou só o enrabado”. Ele fica sonhando, ele é só vítima, tadinho. Mas é uma vítima tão satisfeita porque lhe dizem: “Afinal de contas, você é enrabado por fulano, e não porsicrano! “E ele já fica numa boa. Quando Freud diz que a perversão é o avesso da neurose, é brilhante, pois o neurótico fica o tempo todo invejando o perverso, freqüentemente o perverso mais banal, que não faz mal a ninguém, porque ele acha que aquele cara goza por ali. Então, quando aparece um que põe a perversão na mesa e comanda, o neurótico sente um alívio imenso: uma vontade perversa foi transformada em lei que lhe garante uma estada animal. “Agora tenho espécie, sou um sujeito de classe: pertencço à classe tal” – e o perverso está lá para faturar em cima dele.

• P – *Para mim, do ponto de vista da questão do sujeito falante, o nó borromeano é bastante claro quanto a que é impossível pensar-se qualquer um dos registros sem estar articulado com os outros, pois o RSI constitui uma unidade diferenciada mas inextricável. Mas quando entro por uma mirada genética e fico olhando, digamos, o intitule, tenho a tentação de estabelecer uma cronologia, de desfazer este nó, de colocar, por exemplo, uma cronologia em que o real precede e funda ordens de tentar dar conta dele: a primeira das quais seria o imaginário; posteriormente na medida em que esse infante fosse progressivamente se inscrevendo numa ordem em que desde sempre está imerso. Porém, o fluo de estar imerso não significa que desde sempre ele já a assimilou, senão ele não seria infante, e sim já um ser falante. Então, como, nestas condições, vamos poder pensar este nó borromeano inextricável na questão do infante? Ou poderíamos pensar uma questão genética de que o real, o imaginário posteriormente seria tentativa de dar conto desse real fundador e, progressivamente, teríamos uma inscrição numa terceira ordem, que faria o infante tornar-se falante e evidentemente que transformaria todas as questões anteriores mas que haveria uma cronologia nessa questão? Não sei se me fiz claro.*

Acho que entendi mais ou menos. Não vejo uma ordem genética, uma, digamos assim, psicologia genética do surgimento dos registros. Nossa ignorância é muito grande aí e só nos damos conta depois que a criança fala, etc., mas é como se tivesse nascido um determinado objeto biológico que já tem essa estrutura. Não concebo, por exemplo, que o sujeito venha a ser falante, e sim tenho a prova de que ele vem a sê-lo só-depois, *nachträglich*, mas se ele veio a ser falante é porque isso estava lá. Então, a ficção que faço é a de que há as espécies biológicas, herdeiras das espécies minerais, etc., e, num certo momento, alguma função caótica se apresentou que produziu essa coisa estapafúrdia: o macacão que a gente veste é limitado demais, é muito bobo, e fico espantado com que, dentro desse macaco, a

coisa tenha se revirado e se produzido numa dialética radical. Ou seja, de saída, a estrutura está ali. Neste ponto estou com Freud e não abro, pois linguagem não sai do nada, ela está aí em algum lugar. Quem sabe a ciência tenha a maior importância em cada vez mais discernir a complexidade dessas estruturas. Por exemplo, isso eventualmente estaria na grande complexidade do computador cerebral, ou sei lá o quê, que consegue fazer esse manejo reflexivo.

Tento fazer uma pequena correção no Estádio do Espelho, de Lacan, na medida em que ele privilegia demais o assentamento sintomático e passa depressa demais sobre a ordem reflexiva que a criança encontra no espelho. Quero privilegiar essa ordem reflexiva, pois, a meu ver, o gozo da criança diante do espelho não é porque ela se reconheceu assentando a sua imagem capaz de ser adscrita a um significante que a nomeia, o gozo maior deve ser do encontro fortuito – porque pode não haver – da sua reflexividade inata, do seu espelho interior, com o espelho com que ela se defronta. Então, para mim, isto está escrito lá dentro de tal maneira que é um macaco, sim, mas é um macaco maluco, um macaco que tem essa maquininha de revirar. Ora, ele já fica um tempão, desde o feto, sendo açoitado por uma ecologia biológica, etc., que já vai constituindo afinal aquilo que Freud chamou de recalque originário, uma massa recalcante que vai constituindo uma tentativa de decantação e paralisação desse movimento. A criança nasceu, e vêm mais impactos recalcentes, impacto é a carne, a carne é recalcante.

Mas eis senão quando ela encontra também o processo da linguagem em curso: por um lado, sintomatizando em frases feitas, em línguas estabelecidas, etc., mas, por outro, deslizando. Então, ela começa a operar também a outra máquina, da qual ela vai-se dar conta, na sua ambigüidade de máquina de reviramento e de instância sintomatizadora, num momento que Lacan quer chamar de Estádio do Espelho. Ou seja, ela se dá conta das duas coisas. Só que a força recalcante é frequentemente vencedora, por questões mesmo de sobrevivência, ou seja, há toda uma diplomacia entre as minhas razões de sobrevivência e as minhas razões de vivência.

Aí é que Heidegger vai dizer que o maior de todos os riscos é o risco do poeta, pois ele é aquele que invade a ordem sintomática que lhe é estabelecida e arrisca no campo da diferença, no campo do retorno do recalado. Então, para mim, está tudo junto. Eu não veria assim, que isso nasce, depois aquilo ocorre, etc. Para mim, aquela maquininha é assim. Mas como a grande maioria da humanidade, na sua história, tem que fazer uma grave concessão à ordem recalcante para sobreviver, isso tem sido campeão e tem sido um dos maiores fatores de mal-estar. Mas toda a tentativa do poético – poético pode ser qualquer invasão, seja da ciência, seja disso ou daquilo, não importa – é de eliminar o mal-estar, porque este não é senão o conflito da máquina deslizante com as imposições de paralisia. Mas esse deslançamento é muito difícil.

O que está acontecendo de grave em nossa época é que o comportamento, digamos, a performance, o desempenho da humanidade em geral, quantitativamente, é extremamente referido à ordem recalcante ao mesmo tempo que o subproduto da produção tecnológica está invadindo este desempenho. Isso vai dar uma merda, um conflito, pois estamos numa época de um racismo exacerbado, dos conflitos violentos.

Vê-se a bobagem que é o modo como se reflete hoje a respeito da “violência” no século. E queriam o quê? Como vou entender a violência de rua se não entendo a violência de Estado, a perversidade da lei, a garantia policial da vontade do Estado... Acontece que agora o conflito está feio porque está todo mundo estabilizado numa ordem – para voltar ao termo ética – moral extremamente rígida, que está sendo solapada não por nenhum discurso antimoralista, mas sim pela eficácia de mercado justamente dos perversos interessados na manutenção dessa moral e na manutenção do mercado. Ora, o mercado não se dá bem com aquilo, e começa-se a botar os *gadgets* na rua: televisão é um troço extremamente explosivo. Todos os brinquedinhos são explosivos...

É preciso, pois, um máximo de neutralidade. Vamos organizar essa suruba porque tem alguém que está levando a pior.

• *P – Estou me sentindo agora aqui portavoz da ordem recalcante... Lamento que o tempo tenha passado tão depressa ao mesmo tempo que me rejubilo, porque significa dizer que acho que tivemos um encontro aonde houve o predomínio do gozo, do saber e com o saber do gozo também. Acho que foi um encontro em que todos, pela sensação que pude colher, nos sentimos tomados por um nível de prazer e saímos enriquecidos na nossa sensibilidade heurística. Eu queria, em nome da Comissão Científica da qual sou diretor, agradecer imensamente a sua presença.*

Eu é que agradeço, me senti muito à vontade, foi extremamente simpático. As diatribes psicanalíticas, acho-as extremamente mesquinhas e não tenho tempo para isso. Foi um prazer imenso. Quando quiserem aparecer, a minha casa está às ordens. Muito obrigado.